



USO CRÍTICO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO ENSINO MÉDIO: relato de experiência formativa no PIBID

JESUS, Micael Oliveira¹

SILVA, Willans Daniel²

GOMES, Maria de Fátima Lantyer Belo Araújo³

RESUMO: A presença das IAs no cotidiano escolar amplia a necessidade de práticas pedagógicas que promovam uso crítico dessas tecnologias. Este trabalho objetiva relatar e analisar uma experiência desenvolvida no PIBID com estudantes do 1º ano do ensino médio, voltada à compreensão da IA, seus usos e implicações éticas. Tratou-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa e natureza descritiva e analítica, fundamentado em plano de aula, observação participante e registros das atividades. Os dados foram tratados por análise de conteúdo. Observamos participação ativa da turma, reconhecimento da presença da IA em diferentes contextos e ampliação das discussões sobre privacidade, uso de dados e responsabilidade digital. Verificamos que o uso prévio das ferramentas não correspondia à compreensão crítica de seu funcionamento. Os resultados indicam que propostas contextualizadas favorecem o letramento digital crítico e demonstram o potencial do PIBID para a formação inicial docente.

PALAVRAS-CHAVE: inteligência artificial; PIBID; educação em Computação; letramento digital.

1 INTRODUÇÃO

A incorporação das tecnologias digitais aos processos educativos vem produzindo novas demandas para a formação docente, especialmente no que se refere à mediação crítica de recursos que já atravessam o cotidiano escolar. No âmbito da formação inicial, Cambraia e Scaico (2013, p. 1) afirmam que o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) vem se constituindo como “uma política pública importante de valorização do magistério”, por aproximar os licenciandos das práticas e dos problemas concretos da escola básica.

No campo da educação em Computação, os mesmos autores observam que o licenciado “tem como missão pensar o uso efetivo das tecnologias na escola” (Cambraia; Scaico, 2013, p. 3), o que necessita de mediação pedagógica,

¹ Graduando em Licenciatura em Computação, Bolsista Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Jacobina, mi.cael1@hotmail.com.

² Graduanda em Licenciatura em Computação, Bolsista Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Jacobina, 20201170002@ifba.edu.br

³ Mestre em Computação aplicada, Bolsista Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Jacobina, luis_araujo@ifba.edu.br



contextualização e reflexão sobre os sentidos desse uso. No contexto das ferramentas de inteligência artificial (IA), esse debate torna-se ainda mais relevante e talvez um tanto urgente, diante da rapidez com que suas aplicações se expandem, passando a interferir em práticas de busca de informação, produção de conteúdos, comunicação e estudo. Essas transformações atingem diretamente o cotidiano e, conseqüentemente, o ambiente escolar. Nesse cenário, Giraffa e Kohls-Santos (2023, p. 129) assinalam que “não temos como evitar que os avanços tecnológicos aconteçam e transbordem para dentro do espaço escolar e acadêmico”.

Mais do que uma novidade técnica, a IA se apresenta, portanto, como um novo tema formativo que exige compreensão crítica de seus usos, limites e implicações. Costa et al. (2025) mostram que, embora a IA seja reconhecida como apoio ao ensino, persistem desafios ligados ao plágio, à dependência das ferramentas e à falta de reflexão crítica. Desse modo, discutir esse tema na escola não pode se limitar a apresentar aplicações, ele deve também problematizar critérios de uso, circulação de dados e responsabilidade humana diante das respostas e dados produzidos por essas ferramentas.

Considerando essa realidade, a experiência aqui relatada foi desenvolvida em 2025, no Colégio Estadual de Tempo Integral de Jacobina, com turmas de 1º ano do ensino médio, no contexto do PIBID da Licenciatura em Computação do IFBA, Campus Jacobina. O presente trabalho tem como objetivo relatar e analisar uma intervenção pedagógica realizada na disciplina de Educação Digital e Midiática, cuja finalidade foi compreender a inteligência artificial como tecnologia transformadora, identificando suas aplicações e os debates éticos que a envolvem.

A relevância deste relato reside na articulação entre a prática escolar e a reflexão sobre o uso contemporâneo da IA em um contexto de formação inicial docente, permitindo discutir tanto possibilidades pedagógicas, como também questões de privacidade e responsabilidade no uso de dados. Para tanto, o texto a seguir apresenta o percurso metodológico da experiência, discussão dos resultados observados, as implicações formativas da prática e considerações finais.

2 METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência, de abordagem qualitativa do conhecimento e perspectiva descritiva e analítica da experiência. Foi



elaborado a partir de uma prática pedagógica desenvolvida no contexto de coparticipação no PIBID, realizada em uma turma do ensino médio do Colégio Estadual de Tempo Integral de Jacobina (CETIJA/CEJA). Para fundamentação, adota-se a compreensão de relato de experiência como uma modalidade de escrita acadêmica, conforme trazida por Mussi, Flores e Almeida (2021).

A proposta foi planejada com foco no uso consciente de ferramentas de inteligência artificial no Ensino Médio, considerando competências e habilidades da BNCC em Computação compatíveis com a atividade, com destaque para EM13CO06, EM13CO10 e EM13CO14 (BRASIL, 2022). Todas estão relacionadas à análise crítica de tecnologias digitais, à compreensão de impactos sociais e éticos e ao uso criativo, responsável e reflexivo de recursos computacionais.

A atividade foi estruturada em momentos articulados, contemplando introdução ao tema, problematização de situações do cotidiano, discussão de aspectos éticos, apresentação de aplicações da inteligência artificial e dinâmica prática com participação ativa dos estudantes, seguida de síntese reflexiva oral. Buscou-se, nesse processo, integrar conhecimentos conceituais sobre IA e reflexões acerca de privacidade, uso de dados e responsabilidade no emprego dessas tecnologias no ambiente escolar e social.

Como fontes de coleta de dados e construção analítica, utilizaram-se o plano de aula e registros de observação participante, produzidos por meio de anotações realizadas durante a atividade, em trabalho colaborativo entre bolsistas e professor supervisor. Como recursos didáticos, empregaram-se slides de apoio, celulares com acesso à internet e ferramentas gratuitas de IA generativa, com uso predominante do ChatGPT. Para o tratamento dos dados produzidos na atividade, adotou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), operacionalizada por meio das etapas de exploração do material e interpretação dos resultados, buscando identificar sentidos recorrentes relacionados ao engajamento discente, às percepções críticas sobre o uso da inteligência artificial e às reflexões acerca de privacidade, uso de dados e responsabilidade digital.

Em diálogo com estudos sobre formação docente no PIBID, educação em Computação, engajamento discente e desafios éticos associados à IA, a experiência foi interpretada com base na compreensão de que a implementação educacional da inteligência artificial precisa ocorrer “de forma planejada, gradual e com ênfase no



suporte ao ensino” (COSTA et al., 2025, p. 14), e não como mera adesão acrítica a inovações tecnológicas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A etapa inicial da aula, organizada a partir da pergunta “Quantas vezes hoje vocês interagiram com uma Inteligência Artificial?”, favoreceu a ativação de conhecimentos prévios e evidenciou que a IA já fazia parte do repertório cotidiano da turma. Os estudantes rapidamente associaram o tema a assistentes virtuais, plataformas de vídeo, redes sociais, geração de imagens e ferramentas de texto.

Esse movimento foi relevante por colocar a IA no contexto vivido pela turma, permitindo que o debate partisse das experiências concretas dos próprios alunos. Em consonância com a BNCC, tal encaminhamento fortalece práticas de aprendizagem conectadas ao uso crítico e significativo das tecnologias digitais nos diferentes contextos sociais (BRASIL, 2018).

Na exposição dialogada, observou-se boa receptividade às explicações sobre a IA contemporânea, e muitos relatos de uso e exemplos de situações inusitadas observadas (como erros ou respostas absurdas por parte da ferramenta) especialmente a IA generativa. Também foram levantadas discussões sobre seus usos em áreas como educação, saúde, transporte, varejo e entretenimento. Um ponto importante foi que a participação não se restringiu à escuta, uma vez que os estudantes levantaram questionamentos como a possibilidade de substituição do trabalho humano, e também trouxeram para debate exemplos de uso escolar, reconhecendo que utilizavam essas ferramentas sem conhecer muito de seu funcionamento.

Esse resultado aproxima-se do que Ferrari, Lopes e Sanavria (2025, p. 1) observaram ao afirmarem que: “os estudantes compreenderam os conceitos trabalhados no material e se engajaram nas situações propostas, demonstrando curiosidade, participação e interesse diante dos desafios apresentados” (Ferrari; Lopes; Sanavria, 2025, p. 1). A semelhança entre as experiências sugere que propostas que articulam tecnologia, problematização e participação ativa tendem a ampliar o engajamento da turma.

Um dos resultados mais expressivos foi a constatação de que todos os estudantes já haviam utilizado alguma ferramenta de IA, mas nenhum conseguiu



explicar com clareza o que a plataforma demandava em troca de seu uso. Quando a discussão passou a incluir dados pessoais, histórico de interações, imagens enviadas e treinamento dos sistemas a partir dessas informações, ficou claro que houve mudança no nível de reflexão da turma. A aula deixou de tratar apenas de utilidade e passou a problematizar privacidade, responsabilidade digital e assimetrias informacionais.

Nesse sentido, Costa et al. (2025, p. 2) destacam que “os principais desafios levantados foram o risco de plágio, a dependência das ferramentas de IA, a falta de reflexão crítica e as dificuldades de infraestrutura e financiamento” (COSTA et al., 2025, p. 2). No contexto desta experiência, sobressaiu-se especialmente a insuficiência inicial de reflexão crítica sobre o uso dos próprios dados.

A atividade prática em grupos consolidou esse avanço analítico. Ao examinar exemplos atuais de IA e responder questões sobre finalidade, benefícios, riscos e uso consciente, os estudantes reconheceram que tais ferramentas não são neutras. As respostas destacaram benefícios, como agilidade e apoio à pesquisa, mas também riscos, como desinformação, dependência excessiva, manipulação informacional e exposição de dados pessoais. Esse resultado indica ampliação da capacidade argumentativa da turma e construção de posicionamentos mais equilibrados diante da tecnologia.

A dinâmica “Eu no Futuro” aprofundou ainda mais o debate. Ao utilizar um prompt solicitando à ferramenta de IA que utilize informações sobre o usuário para gerar uma cena profissional futura, os estudantes passaram a questionar quanto a ferramenta sabia sobre eles e de que modo combinava os dados, preferências e expectativas para produzir resultados verossímeis. Emergiram, nesse momento, reflexões sobre rastros digitais, personalização algorítmica e confiança nas plataformas. A atividade mostrou forte potencial formativo ao articular imaginação, projeto de vida e criticidade tecnológica.

Outro aspecto relevante refere-se à articulação entre ensino de IA e formação cidadã. Em vez de posicionar os estudantes apenas como usuários de tecnologias, a experiência os convocou a pensar como sujeitos capazes de interpretar, questionar e decidir sobre o uso dessas ferramentas. Tal perspectiva aproxima-se da defesa de Cambraia e Scaico (2013, p. 3), ao afirmarem que “cabe ao professor pensar o uso efetivo das tecnologias na escola, planejando estratégias que promovam aprendizagem significativa e participação ativa dos estudantes, e não apenas o uso



instrumental dos recursos digitais” (CAMBRAIA; SCAICO, 2013, p. 3). Além disso, a coparticipação no PIBID mostrou-se formativa para os licenciandos envolvidos, ao exigir planejamento, mediação pedagógica, escuta ativa e reorganização das estratégias ao longo da aula.

De modo geral, os resultados indicam participação ativa da turma, envolvimento nas discussões e amadurecimento das percepções sobre inteligência artificial. A experiência evidenciou que, quando abordada de forma contextualizada, dialógica e conectada às vivências estudantis, a IA deixa de ser percebida apenas como novidade tecnológica e passa a ser compreendida como fenômeno social, ético e educativo. Assim, reafirma-se o potencial de práticas pedagógicas críticas tanto para a formação discente quanto para a formação inicial docente no âmbito do PIBID.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida no contexto do PIBID, com turmas de 1º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual de Tempo Integral de Jacobina, evidencia que a abordagem pedagógica da inteligência artificial, quando articula informação conceitual, participação discente e problematização ética, produz resultados mais positivos. Nesse sentido, o objetivo proposto foi alcançado, uma vez que os estudantes não apenas reconheceram a presença da IA em seu cotidiano, mas começaram a questionar e analisar as responsabilidades cabíveis no uso dessas tecnologias.

Os resultados também indicam que a familiaridade prévia dos estudantes com ferramentas de inteligência artificial não corresponde, necessariamente, à compreensão de seu funcionamento, tanto técnico quanto social. O fato de todos já utilizarem essas plataformas, mas não conseguirem identificar com clareza quais informações forneciam em troca de seu uso, evidencia uma lacuna formativa relevante no contexto da cultura digital contemporânea e que pode permear problemas ainda pouco explorados. Tal constatação reforça a necessidade de práticas escolares que promovam análises mais conscientes e reflexivas.

No âmbito da formação docente, o relato também confirma a relevância do PIBID como espaço de articulação entre formação inicial, prática pedagógica e investigação sobre a própria experiência, trazendo para a escola-campo, um tema



que ainda não havia sido trabalhado com essa abordagem. Ao exigir planejamento, mediação, escuta e reflexão constante, a atividade contribuiu para o desenvolvimento profissional dos licenciandos envolvidos, ampliando também as experiências formativas das turmas envolvidas com o programa.

Assim, conclui-se que inserir o debate sobre inteligência artificial de forma intencional e crítica na escola constitui caminho promissor tanto para a formação cidadã dos estudantes quanto para o fortalecimento da docência frente aos desafios educacionais contemporâneos.

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) Campus Jacobina. Agradecemos à coordenação do subprojeto, aos professores supervisores e aos bolsistas participantes pelo apoio e pelas contribuições ao estudo.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Norma sobre Computação na Educação Básica: complemento à Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/CNE, 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CEB n. 1/2022: complemento à Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2022.
- CAMBRAIA, Adão Caron; SCAICO, Pasqueline Dantas. Os desafios da educação em Computação no Brasil: um relato de experiências com projetos PIBID no Sul e Nordeste do país. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 148, set. 2013.
- COELHO, Iandra Maria Weirich da Silva. Comunicação científica e inteligência artificial: possibilidades e desafios éticos. **Educitec – Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, v. 12, e299326, 2026.



COSTA, Marcelle Feitoza Bassi et al. Desafios e oportunidades da inteligência artificial no ensino superior: percepções dos docentes no ambiente universitário. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 30, e025003, 2025.

FERRARI, Katieli da Silva; LOPES, Moniky Souza; SANAVRIA, Claudio Zarate. Entre piratas e astronautas: desenvolvendo o pensamento computacional no 4º e 5º anos do Ensino Fundamental por meio de um material desplugado. **Revista Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**, Fortaleza, v. 7, e15747, 2025.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out./dez. 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 20 abr. 2026.